PONTE DE LIMA
(Arcozelo)

Arcozelo é uma freguesia do concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo. A igreja de Santa Marinha dista cerca de 5,5 km da sede de concelho. Sair de Ponte de Lima pela rua Agostinho José Taveira em direção à estrada N201. Virar à direita para a estrada N202 e depois à esquerda para a estrada N306. Cerca de 1,5 km à frente virar à esquerda para a estrada M1240-1 seguindo as indicações da igreja que se encontra cerca de 300 m à frente. A igreja de Santa Marinha de Arcozelo tem um enquadramento urbano, sobranceira à estrada e rodeada de habitações.

A freguesia de Arcozelo gozava de uma situação geográfica invulgar, na margem direita do rio Lima e na parte baixa do vale do Labruja, sendo atravessada pela antiga via romana que ligava Braga a Astorga, passando por Tui. Na quinta de Antepaço foram localizados três miliários de Trajano e Caracala. Para além da ponte romana sobre o Lima, que liga Arcozelo a Ponte de Lima, existem na freguesia mais duas pontes antigas: a do Arquinho, no lugar de Faldejães, e a da Jeira, perto da igreja matriz. Vários solares e quintas dignificam a freguesia que foi elevada a vila em 2004.

Igreja de Santa Marinha

A IGREJA DE SANTA MARINHA DE ARCOZELO estava sujeita à diocese de Tui, desde Teodomiro, rei dos Suevos, sujeição confirmada mais tarde por D. Teresa, em setembro de 1125. Esta igreja matriz manteve-se na jurisdição da sé de Tui até 1446.

Nas Inquirições de 1258, a igreja de Santa Marinha surge naturalmente como uma das igrejas subordinada ao bispado de Tui. No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, a igreja de Santa Marinha foi taxada em 100 libras, valor que revelava o dinamismo económico da propriedade. Trata-se da contribuição mais elevada no contexto das igrejas do Arcediagado de Labruja, do bispado de Tui, apenas suplantado pelo mosteiro de Refoios taxado em 700 libras.

Em 1444, D. João I conseguiu que o Papa desmembrasse este território do bispado de Tui, sendo integrado no de Ceuta, onde permaneceu até 1512. Por uma permuta com o bispo de Ceuta, o arcebispo de Braga recebeu a comarca eclesiástica de Valença do Minho e entregou a esse a de Olivença. Esta permuta foi aprovada em 1513 pelo papa Leão X.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a freguesia de Arcozelo ficava em frente a Ponte de Lima e era ligada à vila pela famosa ponte dos 38 arcos. No meio da ponte existia uma cruz de pedra que dividia a comarca eclesiástica de Valença da de Braga. A igreja era "antiquissima como inculca o seu edificio e testefica a tradição. Tem três altares". Na freguesia havia ainda uma ermida também muito antiga, dedicada ao arcanjo São Miguel, intitulada São Miguel do Arnado, e à qual vinham todas as procissões reais.

Com a sua fachada principal voltada a ocidente, a igreja de Arcozelo apresenta a sua fábrica de origem medieval profundamente transformada. A nave única, onde se conservam os mais significativos vestígios românicos, apresenta uma largura e altura invulgares para a época românica. Seguramente, o seu alçado resulta de uma profunda intervenção de ampliação da igreja no sentido da cabeceira ocorrida durante a segunda metade do século XVIII, mas que soube conservar e reutilizar silhares pseudo-isódomos de granito, cachorros e partes da cornija da época românica. Só assim podemos entender os desalinhamentos que se veem no alçado sul. A cabeceira é, portanto, retangular e, tal como a nave, tem cobertura de duas águas. Fruto de uma intervenção mais recente são os dois corpos retangulares e perpendiculares a esta última que, configurando uma planta em cruz latina, enformam aquilo que poderíamos designar por um falso transepto. Tratam-se de dois corpos que comunicam diretamente para a abside através de amplos vãos abatidos, de fácies contemporânea, e que só se compreendem num contexto mais recente onde se manifestou a necessidade de ampliar o espaço para acolhimento dos fiéis.

A norte da fachada adossa-se torre quadrangular, edificada segundo o gosto de setecentos. Partindo desta e



Perspetiva geral da igreja. Alçados sul e oeste

ocultando grande parte do alçado lateral norte, primitivo, vemos um conjunto de dependências edificadas pela mesma época e que acolhem diversos espaços ligados à vida paroquial, de que destacamos a sacristia. Este alçado, dominado assim pela presença deste elemento constituído por dois pisos, é marcado pela contenção dos seus paramentos, caiados a branco e com as guardas dos vãos marcadas por molduras simples de granito. Neste lado da igreja, os vestígios da época românica restringem-se a uma parcela de muro da nave, dominada pela presença de sete cachorros a sustentar cornija ornada com pérolas.

Contrastante, o alçado sul da igreja é dominado pela presença do granito. E se em alguns trechos do alçado da nave vemos um aparelho pseudo-isódomo mais regular é, no entanto, possível identificar várias cicatrizes que nos informam sobre as vicissitudes vividas por este edifício.

Também no alçado posterior da capela-mor percebemos bem o reaproveitamento de silhares esquadriados na época românica. Aqui, a presença de siglas confirma a sua cronologia e justificou seguramente o seu reaproveitamento atendendo à qualidade do talhe. Do mesmo modo, identifica-se reaproveitamento semelhante de silhares nos corpos que configuram o falso transepto.

De notar que, apesar da transformação sofrida ao nível dos vãos, persiste uma fresta muito estreita no alçado sul, que alarga para o interior da igreja. Com ela contrastam o janelão retangular e gradeado, bem como a porta de verga reta, sem decoração, característicos da época moderna.

Mas é ao nível dos cachorros que vemos os mais significativos, e significantes, testemunhos românicos desta igreja. A partir da análise da sua configuração, Carlos Alberto Ferreira de Almeida propôs duas cronologias distintas. A maioria deles, que apresentam cabeças de animais, figurações humanas e motivos caracteristicamente românicos como os rolos ou as pérolas, sobre modilhão de secção retangular, foram datados pelo autor de finais do século XII ou de inícios do século XIII. Já outros, como um que se identifica no alçado norte, mais largo e com busto humano a ocupar a totalidade do quadro, considera o mesmo autor serem mais recentes, ou seja, produzidos no século XIV. Recordamos que esta cachorrada sustenta uma cornija cujas peças, apesar de desalinhadas por força da sua reutilização, apresentam como motivo decorativo as meias esferas.

Apesar de transformada, a fachada oeste apresenta uma configuração e alinhamento que julgamos serem os originais da época românica. Como referimos já, a igreja de Arcozelo apresenta uma invulgar escala no contexto do românico português, o que deverá ser tido como indício da sua construção tardia. Nesta fachada persiste o aparelho em granito aparente, com esquadria em tudo semelhante àquela do primeiro terço do alçado lateral. Rasga-a um simples portal, de volta perfeita, apenas marcado por pequena moldura nas aduelas da arquivolta que o define e que se apoia diretamente sobre os pés-direitos do muro. Trata-se de um modelo de portal claramente tardio. Sobre este, afirmando a verticalidade do eixo central da igreja,





Nave. Alçado sul. Cachorros

vemos uma fresta larga, cuja moldura foi animada durante a época moderna.

O interior da igreja foi profundamente transformado durante a época moderna e a contemporânea. Apenas os alçados da nave denunciam a fábrica românica pela permanência do granito aparente.

A edificação da igreja românica de Santa Marinha de Arcozelo terá decorrido durante a segunda metade do século XIII, se não já no século XIV. Os elementos românicos deste templo, que sobreviveram, são bastante reduzidos. A qualidade e a variedade temática dos seus capitéis fazem-nos adivinhar a importância do estaleiro desta igreja durante a época românica. A igreja de Santa Marinha de Arcozelo foi classificada como Imóvel de Interesse Público em 1967.

Texto: MLB/JL - Fotos: MLB

Exterior. Alçado sul. Falso transepto. Silhares siglados



Bibliografia

ALMEIDA, F., 1971, IV, p. 114; BOISSELLIER, S., 2012, p. 162; GEPB, 1935-60, III, pp. 153-154; MEM. PAROQ. 1758 (2005), pp. 321-323; REIS, A.M., 2000, pp. 114-115; SIPA.